

Horizontes de esperança? O espírito do Vaticano II prossegue o seu caminho

Horizons of hope? The spirit of the Vatican II continue its way

Luís Fernando Neris de Souza¹

Resumo

A recepção do Concílio Vaticano II ainda está em curso. É uma tarefa inacabada. O seu espírito convoca a Igreja à renovação permanente, predispondo-a ao diálogo frutuoso com o mundo e a cultura contemporânea. *Aggiornamento* e diálogo compõem a díade insuperável para a compreensão e a recepção do Vaticano II. Além de ser um acontecimento histórico na vida eclesial, o concílio é um evento pneumatológico, um novo pentecostes para a Igreja. Esse trabalho retoma o significado do Concílio Vaticano II e a sua recepção no século XXI, especificamente no continente latino-americano. Aborda as questões atuais da recepção do concílio, referentes à teologia fundamental, diante do pluralismo cultural e do fenômeno da secularização. Por fim, passados 50 anos da realização do Vaticano II, constatar-se-á a sua relevância para a renovação estrutural, teológica e pastoral da Igreja, vislumbrando horizontes que nutrem a fé e animam a esperança de comunhão eclesial entre os povos latino-americanos.

Palavras-chave

Vaticano II. Recepção. Teologia fundamental. Cultura. Secularização.

Abstract

The reception of Vatican Council II still is underway. It is unfinished task. His spirit calls the Church to permanent renewal, predisposing it to a fruitful dialogue with the world and contemporary culture. *Aggiornamento* and dialogue make up the insurmountable dyad for the understanding and reception of Vatican II. Besides of it being a historical event in ecclesial life, the council is a pneumatological event, a new Pentecost for the Church. This work recapture the meaning of the Second Vatican Council and its reception in the 21st century, specifically in the Latin American continent. It addresses the current issues of the reception of the council concerning fundamental theology, in the face of cultural pluralism and the phenomenon of secularization. Finally, 50 years after Vatican II, its relevance for the structural, theological and pastoral renewal of the Church will be seen, with horizons that nourish the faith and enliven the hope of ecclesial communion among the Latin American people.

Keywords

Vatican II. Reception. Fundamental theology. Culture. Secularization.

INTRODUÇÃO

Aos onze de outubro de 1962, sob o pontificado do papa João XXIII, iniciou-se a primeira sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II. De caráter eminentemente pastoral, o concílio intuiu a renovação e a atualização da Igreja em relação a si mesma e em sua relação com o mundo. No discurso de abertura, *Gaudet Mater Ecclesia*, o papa advertiu à Igreja a superar os discursos apologéticos e condenatórios em relação ao ser humano e ao mundo, pois para isso não haveria necessidade de um concílio (JOÃO XXIII, 2013, p. 35-36).

¹ Especialista em Teologia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA). Bacharel em Teologia pela Faculdade Dehoniana. Contato: luisfernandomta@yahoo.com.br.

O evento conciliar favoreceu a reafirmação da sua solicitude pastoral da Igreja por todos os povos, e propôs o remédio da misericórdia para as situações desafiadoras e realidades feridas. “Agora, a esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia ao da severidade” (JOÃO XXIII, 2013, p. 36), enfatizou João XXIII, insistindo na necessidade da abertura da Igreja ao diálogo com o mundo moderno. A trajetória conciliar do *papa bom* terminou no dia três de junho de 1963, quando faleceu vítima de câncer de estômago. Seu sucessor foi o cardeal João Batista Montini, que assumiu o pontificado sob o nome de Paulo VI.

Dando continuidade ao concílio, Paulo VI acrescentou ao caráter pastoral o elemento eclesiológico. No discurso de abertura da segunda sessão do concílio (29 de setembro de 1963), *Salvete Fratres in Christo*, o papa enfatizou “o amor mais amplo e mais urgente, amor que pensa primeiro nos outros e somente depois em si mesmo; amor universal de Cristo” (PAULO VI, 2013, p. 57). Para Paulo VI, a Igreja deveria ser uma “Igreja da caridade”, capaz de renovar-se com seriedade, corrigir os seus erros e esforçar-se por configurar-se a Cristo, seu esposo.

O Concílio Vaticano II foi encerrado aos oito de dezembro de 1965 e deixou para a Igreja o frutuoso legado dos seus textos (constituições, decretos e declarações), mensagens e a marca característica do seu espírito (*aggiornamento* e diálogo). Restava “esperar, contra toda esperança” (cf. Rm 4,18) a adesão dos episcopados às inspirações que o Espírito ofereceu à Igreja. Para a Igreja no continente latino-americano e no Caribe não faltaram ousadia e criatividade.

1 AGGIORNAMENTO, DIÁLOGO E A RECEPÇÃO DO CONCÍLIO NA AMÉRICA LATINA

As palavras *aggiornamento* e diálogo compõem a díade insuperável para a compreensão e recepção do concílio. A primeira, *aggiornamento*, palavra de origem italiana, traduzida por “colocar-se em dia”, “atualizar-se”, assumiu o sentido de atualização, renovação e rejuvenescimento da Igreja, diaconia e serviço. Para dom Aloísio Lorscheider que foi padre conciliar, o *aggiornamento* eclesial acontece no encontro das pessoas, escutando-as em suas necessidades e anseios. Convoca a Igreja para abrir-se às legítimas aspirações, exigências e transformações do mundo contemporâneo. Acentua a sua visibilidade histórica e inserção nas realidades que precisam ser transformadas a partir dos critérios evangélicos, sendo solidária aos pobres e sofredores (LORSCHIEDER, 2005, p. 40-41).

O termo diálogo predispõe a Igreja para o diálogo intraeclesial, com as outras igrejas e religiões, e com o mundo. Outras palavras expressam a intuição dialógica do Vaticano II: comunhão, participação e corresponsabilidade. Segundo Comblin, o diálogo refere-se às mudanças globais de atitude da instituição eclesiástica em todos os níveis. Para ele, o diálogo entre a Igreja e o mundo se estabelece mediante o diálogo com os irmãos separados, os judeus, os não crentes, com as pessoas em geral, entre a hierarquia eclesial e os leigos, entre os bispos e presbíteros. De acordo com o espírito conciliar, o diálogo supera as relações de dominação e

superioridade, e exalta as dimensões da subjetividade, da valorização das pessoas e das diferenças existentes nos povos e culturas (COMBLIN, 2005, p. 63-64).

A Igreja da América Latina assumiu o concílio a partir da II Conferência do Episcopado Latino-americano (CELAM), realizada em Medellín (1968), cujo tema foi *A Igreja na atual transformação da América Latina, à luz do concílio*. Para Beozzo, Medellín deita raízes no grupo da Igreja dos pobres, que se organizou na primeira sessão do concílio, formado por bispos europeus, africanos e latino-americanos. Esses bispos, ao final do concílio, propuseram o *Pacto das Catacumbas*, optando por uma vida austera e em favor dos pobres, em solidariedade às suas necessidades e sofrimentos (BEOZZO, 2016).

O tema da pastoralidade foi o critério hermenêutico adotado pelos bispos para compreender e aplicar as intuições conciliares na realidade dos países latino-americanos e do Caribe. A dimensão da colegialidade episcopal fortaleceu o vínculo entre os pastores, e estimulou o exercício da corresponsabilidade pastoral pelo povo de Deus em favor de um magistério próprio e autêntico, investido de autoridade, sem romper a comunhão com o bispo de Roma. Segundo Libanio, a opção de uma Igreja pobre e para os pobres foi o ponto luminoso de Medellín. Essa opção incentivou o surgimento das comunidades eclesiais de base, os círculos bíblicos, as pastorais sociais, entre outros (LIBANIO, 2005, p. 82-83).

De Medellín até a primeira década do século XXI, aconteceram três conferências do episcopado latino-americano e caribenho: Puebla (1979), no México; Santo Domingo (1992), na República Dominicana; e Aparecida (2007), no Brasil. A Conferência de Puebla tratou da *Evangelização no presente e no futuro da América Latina* e procurou vias de enfrentamento dos desafios apresentados na exortação apostólica *Evangelii nuntiandi* (1975), de Paulo VI. Em Santo Domingo refletiu-se sobre a *Nova evangelização, a promoção humana e a cultura cristã*, comemorando os 500 anos de evangelização neste continente.

O tema da Conferência de Aparecida foi *Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida*. Essa conferência contou com a participação do cardeal Jorge Mario Bergoglio, então arcebispo de Buenos Aires, Argentina, que foi eleito papa em 2013, após a renúncia de Bento XVI, e assumiu o seu pontificado sob nome de Francisco. Os horizontes da evangelização, apontados por Aparecida e pelo pontificado de Francisco, conservam abertas, por um lado, e reabrem, por outro, as janelas da Igreja para o contínuo exercício de recepção do Vaticano II. É o *dynamis* de pentecostes que atualiza a compreensão da revelação de Deus ao ser humano desde as dimensões histórico-relacional.

2 A TEOLOGIA FUNDAMENTAL NO CONCÍLIO VATICANO II

Em se tratando da recepção inacabada do Concílio Vaticano II, pode-se dizer que a teologia fundamental, inspirada pelo concílio, também é uma tarefa começada, mas inacabada. A concepção pré-conciliar da teologia fundamental desconsiderava a dimensão histórica e

compreendia a revelação divina, a partir de um conjunto de verdades de fé, “decretos da vontade divina”, de maneira abstrata, una e universal.

O concílio reabilitou o lugar da teologia perante os acontecimentos históricos e provocou um deslocamento na compreensão da revelação divina. Teve como ponto de partida a autocomunicação de Deus nas situações existenciais e concretas da vida e da história das pessoas e do mundo. Os padres conciliares elaboraram a constituição dogmática *Dei Verbum*, reformulando a concepção de revelação que constituiu uma nova maneira de compreender a teologia fundamental.

O Concílio Vaticano II recuperou a dimensão fundamental da revelação judaico-cristã sobre Deus, enaltecendo a história como o lugar por excelência onde a revelação é sentida, percebida, ouvida e experimentada. Até o Vaticano II, a revelação divina possuía um caráter extrínseco, atemporal e nocional. A concepção de revelação, proposta pelo concílio, diz respeito à manifestação de Deus numa perspectiva inter-relacional, histórica, dialógica e cristocêntrica.

“Aproveu a Deus [...] revelar-Se a Si mesmo e tornar conhecido o mistério de Sua vontade, pelo qual os homens, por intermédio de Cristo, Verbo feito carne, e no Espírito Santo, têm acesso ao Pai e se tornam participantes da natureza divina.” (DV 2). Essa afirmação conciliar reitera que é Deus mesmo que se revela ao ser humano. O conteúdo da revelação não é outro, senão o próprio Deus, que se autocomunica e se doa ao ser humano, estabelecendo em Cristo, plenitude da revelação divina na história, um novo laço de amizade forte e inquebrantável.

A *Dei Verbum* (2) afirma que “mediante esta revelação, portanto, o Deus invisível, levado por seu grande amor, fala aos homens como a amigos, e com eles se entretém para os convidar à comunhão consigo e nela os receber.” A nova compreensão da revelação divina mostra um Deus pessoal, que se aproxima do ser humano pela livre iniciativa de amar. É o Deus que fala aos homens como a amigos, mediante um diálogo amistoso e não mais condenatório. Ele aprecia o ser humano e o convida à experiência da comunhão trinitária.

3 A REVELAÇÃO DIVINA, O PLURALISMO CULTURAL E O FENÔMENO DA SECULARIZAÇÃO

As perspectivas da revelação, inferidas pelo Concílio Vaticano II, não se encerram nas letras de um documento. A revelação divina é dinâmica e acontece no terreno fértil da história humana, exigindo ser ouvida e posta em prática. Concretamente, a recepção do Vaticano II está sempre por se fazer, é um acontecendo; é da ordem do evento, da espera, da expectativa e da realização. No contexto latino-americano a recepção da teologia fundamental intuída pelo concílio deparou-se com o desafio do pluralismo cultural e religioso.

Para o teólogo dominicano Carlos Mendonza-Álvarez, a revelação exige um novo paradigma teológico diante da complexidade das culturas e das tradições religiosas. “Trata-se de uma recepção da teologia conciliar sobre a presença reveladora de Deus nas religiões da

humanidade” (MENDONZA-ÁLVAREZ, 2015, p. 279), de modo que se estabeleça uma hermenêutica da revelação “que dê conta da pluralidade das expressões do *logos* divino na diversidade de racionalidades contextuais, bem como na possibilidade de um comum entendimento de sua mensagem redentora.” (MENDONZA-ÁLVAREZ, 2015, p. 280).

Diante desse cenário, que evoca um novo paradigma teológico, o Concílio Vaticano II reconheceu que a proposta da revelação divina é acolhida pelo ser humano na relação dialógica da fé. Ademais, a fé, quando entra em contato com o contexto social, cultural e espiritual em que o ser humano vive, se reinventa. A centralidade no ser humano e a ênfase no “pluralismo de subjetividades, identidades, processos e projetos de emancipação das maiorias e minorias excluídas” (MENDONZA-ÁLVAREZ, 2015, p. 284) demonstram a eclosão do discurso eclesial com incidência na práxis pastoral desafiada pela secularização.

Na linguagem conciliar, o tema da secularização associa-se à categoria teológica dos sinais dos tempos, muito enfatizada na constituição pastoral *Gaudium et spes*. Os acontecimentos, as exigências e as aspirações dos tempos (GS 11), não são apenas sinais dramáticos que desafiam a prática pastoral da Igreja. São “verdadeiros sinais da presença ou dos desígnios de Deus” no mundo. Essa categoria indica o surgimento de uma nova época a ser discernida com critérios evangélicos, pois é necessário “conhecer e entender o mundo no qual se vive, suas esperanças, suas aspirações e sua índole frequentemente dramática.” (GS 4).

O eixo temático da revelação divina e da sua historicidade estimulam o diálogo recíproco entre a Igreja e o mundo. A rigor, a Igreja não pode ser pensada sem o mundo e, tampouco, fora da diversidade cultural, política, econômica, social e religiosa que existe no mundo. A predisposição ao diálogo com a pluralidade é a marca característica da abertura da Igreja na sua relação de diaconia do mundo e, portanto, servidora do ser humano. Pela fé e movida pelo Espírito do Senhor, a Igreja tende a procurar soluções plenamente humanas para a dramaticidade da vida, em seus diferentes contextos socioculturais.

A teologia fundamental deve repensar a presença de Deus no contexto da secularização e da pluralidade cultural. Na América Latina, a recepção da revelação divina se dá nas situações de hibridação e miscigenação cultural. Segundo Cleto Caliman, o processo de secularização do ser humano, inserido no mundo, fundamenta a mística do seu comprometimento com a realidade. Na doutrina cristã, a secularização pode ser compreendida a partir do evento da encarnação do Verbo de Deus. Caliman afirma: “Pela Encarnação, Deus assume o mundo em definitivo. O cristão não precisa sair do mundo para encontrar Deus. Ele o encontra no meio do mundo.” (CALIMAN, 2015, p. 228).

A encarnação do Verbo é a irrupção do divino na história, cujo poder real da manifestação de Deus no mundo, dá-se objetivamente, no seu amor, revelado em Jesus Cristo crucificado. O poder que Deus revela no seu Crucificado, inverte as relações de domínio e manipulação entre os seres humanos. O Concílio Vaticano II marcou essa reviravolta antropológica, quando reafirmou a centralidade da dignidade da pessoa humana e a revelação do

mistério de sua existência no mundo, em referência ao mistério da encarnação do Verbo de Deus.

A partir dessas considerações, pode-se perguntar como se articulam os costumes e as tradições, os ritos e as danças, a linguagem e a arte, as instituições e a organização social dos povos latino-americanos face à revelação divina? O que significa professar a fé no Deus cristão, nessa região geográfica marcada pela pluralidade cultural e pela secularização? Enfim, quais as implicações ou as exigências de responder à proposta da revelação no seguimento de Jesus?

Com o intuito de promover a maturidade da fé para dar razões da esperança (cf. 1 Pd 3,15), num contexto de diálogo e de comunicação da boa notícia (Evangelho), surgiu, na América Latina, a perspectiva liberacionista da teologia, para a acolhida e compreensão da revelação divina. A teologia contextual da libertação passou a compreender a revelação em Cristo, através da chave hermenêutica dos mais empobrecidos, como principais destinatários da mensagem libertadora. Conforme Mendonza-Álvarez, a teologia da libertação surgiu para e a partir dos pobres. Citando Ignacio Ellacuría, a práxis do seguimento de Jesus, consiste na missão discipular de “descer da cruz os crucificados de hoje” (MENDONZA-ÁLVAREZ, 2015, p. 276-277).

Desde a Conferência de Medellín e, recentemente, sob o impulso da Conferência de Aparecida, a Igreja latino-americana e do Caribe renovou a opção pelos pobres como uma opção intrinsecamente cristológica. A opção preferencial pelos pobres e excluídos foi uma maneira de concretizar historicamente, pela fé, a acolhida da revelação divina, pois “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo.” (GS 1).

O documento de Aparecida afirma: “Nossa fé proclama que Jesus Cristo é o rosto humano de Deus e o rosto divino do homem. Por isso, a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica.” (DAp 392). A opção eclesial pelos pobres não se funda no discurso sociológico e político. Ela finca raízes nas opções e gestos concretos de Jesus Cristo, que se fez pequeno e pobre, e ensinou os seus discípulos com essas palavras: “quando deres uma festa, chama os pobres, estropiados, coxos, cegos.” (Lc 14, 13).

Enfim, a acolhida da revelação divina, no contexto da secularização e da pluralidade cultural desse continente, não se dá fora do horizonte do discipulado missionário, que Aparecida propôs às igrejas da América Latina e do Caribe. Permanecem os elementos adquiridos com a audácia pneumática do Concílio Vaticano II, os quais permitem à Igreja, até hoje, seguir os caminhos por ele abertos. Após o concílio, não se pode separar Deus do ser humano e a Igreja do mundo. Esse é o caminho que Deus quer para a Igreja hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Vaticano II destaca-se como um novo pentecostes na vida da Igreja. O concílio preparou a Igreja para viver num mundo pluralista e secularizado, mediante o diálogo, a tolerância e o respeito à autonomia das pessoas. Além disso, criou no interior da Igreja um espírito de liberdade, de enfrentamento dos problemas emergentes, de aliança com o mundo e de corresponsabilidade ética e social na sua transformação.

A recepção criativa do Vaticano II desinstalou a Igreja do comodismo em direção à conversão pastoral. Na força do Espírito do Ressuscitado, a Igreja se põe a caminho, disposta a adentrar na história do mundo e das pessoas. Considera que a revelação de Deus se dá na história humana em constante construção. O espírito conciliar convoca a Igreja a avançar, ousar e apostar, pois onde “hoje brilha a esperança, amanhã, certamente a realidade” (PAULO VI, 2013, p. 57). O espírito do Vaticano II prossegue o seu caminho. ✨

REFERÊNCIAS

BEOZZO, José O. Medellín: inspiração e raízes. **Servicios Koinonía**. Disponível em: <<http://www.servicioskoinonia.org/relat/202.htm>>. Acesso em: 8 jun. 2016.

CALIMAN, Cleto. Fé cristã e mundo moderno. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 47, n. 132, p. 221-242, maio/ago. 2015. Disponível em: <<http://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/3261/3362>>. Acesso em: 8 jun. 2016.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição dogmática “Dei verbum” sobre a revelação divina. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. 29.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 121-139.

_____. Constituição pastoral “Gaudium et spes” sobre a Igreja no mundo de hoje. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. 29.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 200-256.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe**. São Paulo: Paulinas; Paulus; CNBB, 2007.

COMBLIN, José. As sete palavras-chave do Concílio Vaticano II. In: LORSCHIEDER, Aloísio et al. **Vaticano II: 40 anos depois**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 51-70.

JOÃO XXIII. Gaudet Mater Ecclesia. In: ALMEIDA, João C.; MANZINI, Rosana; MAÇANEIRO, Marcial (Orgs.). **As janelas do Vaticano II: a Igreja em diálogo com o mundo**. Aparecida: Santuário, 2013. p. 29-40.

LIBANIO, João B. Concílio Vaticano II: os anos que se seguiram. In: LORSCHIEDER, Aloísio et al. **Vaticano II: 40 anos depois**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 71-88.

LORSCHIEDER, Aloísio. Linhas mestras do Concílio Ecumênico Vaticano II. In: _____ et al. **Vaticano II: 40 anos depois**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 39-49.

MENDONZA-ÁLVAREZ, Carlos. A recepção inacabada do Vaticano II no mundo latino-americano e caribenho: o caso da teologia da revelação. In: BRIGHENTI, Agenor; ARROYO,

Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso

Francisco Merlos (Orgs.). **O Concílio Vaticano II: batalha perdida ou esperança renovada?** São Paulo: Paulus, 2015. p. 265-287.

PAULO VI. Salvete Fratres in Christo. In: ALMEIDA, João C.; MANZINI, Rosana; MAÇANEIRO, Marcial (Orgs.). **As janelas do Vaticano II: a Igreja em diálogo com o mundo.** Aparecida: Santuário, 2013. p. 41-61.